

PODER

Em reunião ministerial, presidente pede prudência com a sucessão na Câmara e no Senado para que posicionamentos não prejudiquem as pautas do governo

Cautela com eleições no Congresso, orienta Lula

» FERNANDA STRICKLAND
» INGRID SOARES
» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva pediu “cautela” aos ministros ante a disputa pelas presidências no Congresso. “Temos uma Câmara que vai trocar de presidente, um Senado que vai trocar de presidente, e tudo isso tem que ter muita cautela, para que não tenha nenhuma incidência no funcionamento do governo”, discursou, na reunião ministerial de ontem, no Palácio do Planalto.

A troca de chefia das duas Casas ocorrerá no ano que vem. No Senado, o presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), David Alcolumbre (União-AP), concorre incontestado. Na Câmara, porém, a disputa gira em torno de Elmar Nascimento (União-BA), Marcos Pereira (Republicanos-SP), Antonio Brito (PSD-BA) e Altineu Côrtes (PL-RJ).

Lula quer evitar uma indisposição com o atual presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), que busca fazer seu sucessor

— o nome que o deputado apoiará ainda não foi anunciado. Além disso, com as articulações em andamento, o chefe do Executivo quer manter um clima ameno com as demais legendas para aprovar suas pautas prioritárias até o fim do ano. Devido às eleições municipais, até novembro, haverá poucos dias de trabalho no Legislativo.

Entre as pautas, estão a regulamentação da reforma tributária, o Programa Acredita, o Marco Legal dos Seguros e o projeto de biocombustíveis. Lula depende de negociação com outros partidos, especialmente do Centrão, para aprovar as matérias.

No encontro, que durou mais de sete horas, Lula se disse satisfeito e otimista com a equipe e descartou uma reforma ministerial no momento. “Como fui eu que indiquei, se eu tiver que trocar alguém, vou trocar. E quero dizer para vocês, não estou pensando nisso. Em time que está ganhando, a gente não mexe”, comentou.

Ele destacou que o tema deixou de aparecer na mídia. “Você vê que a imprensa não discute

mais se vai trocar ministério. Vai trocar ministério? Não existe mais isso, porque quem troca ministério sou eu. Não é um jornalista, que pode não gostar de um ministro, sou eu.”

Uma eventual troca nas pastas ganhou força após a Polícia Federal indiciar o ministro das Comunicações, Juscelino Filho, por desvio de emendas eleitorais. A expectativa no governo, porém, é de que uma reforma só ocorra após as eleições municipais de outubro, quando ficará mais claro o desenho das forças partidárias.

Juscelino foi o único dos 38 ministros que não compareceu à reunião. Segundo sua assessora, ele está na Colômbia representando o governo na Cúpula Latinoamericana de Inteligência Artificial, agenda marcada há meses.

PEC da Segurança

Temas mais recentes também entraram no discurso de Lula. Ele comentou a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) da Segurança, que aumenta a competência do

governo federal na segurança pública e, especialmente, no combate ao crime organizado. A minuta inicial do texto foi discutida, na terça-feira, pelo presidente e pelo ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, com outros titulares de pastas e com governadores.

O chefe do Planalto assegurou não querer tirar a autonomia dos estados — temor de grande parte dos governadores — e que os ouvirá antes de apresentar a proposta ao Congresso. Argumentou, porém, ser necessário usar as políticas de segurança para combater o crime organizado, classificado por ele de “multinacional de delitos”.

“A gente não quer ter ingerência nem mandar. A gente quer compartilhar ações conjuntas com a definição concreta na Constituição do papel de cada um de nós. A reunião foi extraordinária, a gente está muito otimista”, enfatizou Lula, em relação ao encontro de terça-feira. “Agora, a gente vai convidar os 27 governadores para que a gente possa fazer uma apresentação para eles.” Ainda não há data para essa reunião.

Ricardo Stuckert / PR



Na reunião, que durou mais de sete horas, o presidente Lula se disse satisfeito com a equipe e descartou uma reforma ministerial no momento

ATOS ANTIDEMOCRÁTICOS

Maioria do STF condena “Fátima de Tubarão”

» RENATO SOUZA

A maioria dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) votou, ontem, para condenar Maria de Fátima Mendonça Jacinto, a “Fátima de Tubarão”, por envolvimento nos ataques golpistas de 8 de janeiro. O julgamento ocorre no plenário virtual da Corte e termina hoje.

O relator do caso, ministro Alexandre de Moraes, propôs pena de 17 anos para a extremista. O entendimento dele foi seguido pelos ministros Flávio Dino, Cármen Lúcia e Dias Toffoli. Edson Fachin e Cristiano Zanin também votaram pela condenação, mas com pena menor, de 15 anos. Falta, portanto, definir o tempo da sentença.

Fátima de Tubarão, 67 anos, está em imagens gravadas no dia dos atentados e publicadas nas redes sociais. A idosa aparece vestindo roupas nas cores verde e amarela, dentro do Supremo, em meio aos atos de vandalismo. Em um dos vídeos, ela diz ter defecado em uma das salas da Corte.

Em outra gravação, a golpista cita Moraes: “Vamos para a guerra, vou pegar o Xandão agora”. E emenda:

Reprodução/Redes sociais



A extremista aparece em vídeos de depreciação do Supremo no 8/1

“Quebrando tudo e cagando nessa bosta aqui. Só o que fiz foi caga (sic) no vaso do Xandão, não nego”.

A extremista — que está presa — foi condenada por golpe de Estado, abolição violenta do Estado Democrático de Direito,

associação criminosa armada, deterioração de patrimônio tombado e dano qualificado.

A defesa da ré nega as acusações, sustenta que ela tem uma doença grave e afirma que vai recorrer da decisão.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Kleber sales



Nicarágua é divisor de águas para diplomacia de Lula

O estresse diplomático com a Nicarágua é um ponto de inflexão da política externa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que ocupa o centro do debate político por causa das eleições na Venezuela e virou uma espécie de “flor do recesso” do Congresso, como se diz no jargão político de Brasília. A ruptura entre Lula e o presidente Daniel Ortega, que são aliados históricos, surpreende a extrema-direita, mas também deixa sem chão as lideranças do PT, porque rompe com a “cosmologia” da esquerda tradicional, para usar uma expressão que remonta aos filósofos gregos.

Antes do surgimento da filosofia, a Mitologia Grega apresentava a origem do Universo por meio de narrativas cosmogônicas; títãs — Chaos, Chronos e Gaia — eram os pilares do surgimento do Cosmos. Até que Tales de Mileto, o primeiro filósofo grego, não buscou uma explicação sobrenatural, postulou que a origem do mundo estava dentro da natureza: “Tudo é água”.

Na mitologia da esquerda brasileira, após o golpe militar de 1964, a revolução socialista deveria se confundir com a derrubada do regime militar, como aconteceu com o ditador Fulgêncio Batista em Cuba, em 1959, daí a opção pela luta armada na década de 1970. Quando essa opção já estava derrotada e a oposição avançava pela via eleitoral, com o MDB tendo sucessivas vitórias, o êxito da Revolução Sandinista, em 1979, renovou essas esperanças. No mesmo ano, no governo João Figueiredo, a anistia possibilitou a volta dos exilados e a libertação dos opositores que estavam na cadeia.

A reforma partidária promovida pelo regime militar, nesse contexto, possibilitou o pluripartidarismo. A fundação do PT reuniu sindicalistas encabeçados por Lula; militantes das comunidades eclesiais de base católicas, como Frei Betto; intelectuais, como Florestan Fernandes; e ex-integrantes das organizações que participaram da luta armada, entre os quais, José Dirceu.

A revolução popular liderada pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), contra a ditadura dos Somoza na Nicarágua, realimentou a esperança de que haveria uma ruptura política e não um processo negociado de redemocratização do país, como ocorreu em 1985, com a eleição de Tancredo Neves.

O termo sandinismo faz menção a Augusto César Sandino, guerrilheiro que lutou contra a influência dos Estados Unidos na Nicarágua, durante as décadas de 1920 e 1930. Era um movimento à margem do partido comunista, numa nação independente desde 1821, mas com instituições políticas frágeis e liderança corrupta.

O ex-guerrilheiro Daniel Ortega se tornou presidente do país em 1985, eleito após seis anos de governo provisório, controlado pelos sandinistas, que desapropriaram as propriedades dos Somoza e seus aliados. Cerca de 20% das terras cultiváveis do país foram consideradas do povo, nas quais foram criadas 1.500 fazendas, que empregaram cerca de 50 mil nicaraguenses. O setor financeiro e o complexo exportador foram estatizados, o que garantiu controle absoluto da economia pelos sandinistas.

Rompimento

Entretanto, houve forte reação de grupos paramilitares de extrema-direita, os “Contras”, financiados pelo governo de Ronald Reagan, o que minou a paz social na Nicarágua. Em 1990, Violeta Barrios de Chamorro obteve 55% dos votos e derrotou Daniel Ortega, colocando fim ao poder dos sandinistas. Entretanto, Ortega voltou ao poder em 2007 e está no comando do país desde então. Em 2021, renovou seu mandato em eleições muito parecidas com as da Venezuela e se tornou um ditador. Mais de 30 líderes da oposição foram presos, incluindo sete candidatos presidenciais que não puderam concorrer.

Ontem, o governo da Nicarágua expulsou o embaixador do Brasil em Manágua, a capital do país centro-americano, após o diplomata Breno Dias da Costa não comparecer ao aniversário de 45 anos da Revolução Sandinista, o que irritou Ortega. A cerimônia ocorreu no último dia 19 de julho. Em reação à decisão de Ortega, o Itamaraty resolveu expulsar a chefe da Embaixada da Nicarágua no Brasil, Fulvina Patrícia Castro Matu, uma reação previsível no âmbito das regras da reciprocidade diplomática.

A relação com Ortega está desgastada desde que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tentou, a partir de um pedido do papa Francisco, intermediar a libertação de Rolando Álvarez, o bispo católico de Matagalpa, que foi condenado a 26 anos de prisão por conspiração e divulgação de notícias falsas. Ortega se recusava a conversar com Lula sobre isso.

A expulsão do embaixador brasileiro na Nicarágua é vista como possível precedente do que pode acontecer na relação do Brasil com a Venezuela. O Itamaraty acredita que a situação pode se repetir com o governo Maduro, em caso de escalada na relação entre os países, após as eleições de 28 de julho. Nicarágua, Honduras, Bolívia e Cuba são os únicos países das Américas a reconhecer a vitória de Maduro.

O Brasil não rompeu relações diplomáticas com Ortega, mas a expulsão de embaixadores não é trivial. É difícil imaginar que Ortega tenha tomado a decisão sem consultar Maduro e outros aliados. É como se fosse um recado para Lula de que as relações com a Venezuela podem tomar o mesmo rumo.